
PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

**REVISTA DE GEOGRAFIA
(UFPE)**

www.ufpe.br/revistageografia

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

OS USOS DADOS AO BOSQUE JOHN KENNEDY, ARAGUARI, MG, POR PESSOAS DA TERCEIRA IDADE

Ronaldo Milani Zanzarini ¹

¹Aluno do programa de pós-graduação (mestrado) em geografia, no Instituto de Geografia, da Universidade Federal de Uberlândia – bolsista Fapemig (Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas.Gerais).ronaldo_mil@yahoo.com.br

Artigo Recebido em 21/09/2011 e Aceito em 09/09/2012

RESUMO

Este estudo foi realizado no Bosque John Kennedy, no município de Araguari, Minas Gerais, buscando compreender os usos deste espaço pelos indivíduos da terceira idade. O recorte social estabelecido neste trabalho busca demonstrar a importância e dinâmica exercida no bosque pelos indivíduos da terceira idade no município de Araguari, MG. O bosque em questão caracteriza-se pela estrutura própria para a prática de exercícios, como corrida, caminhada, ginástica, etc., também, por uma infra-estrutura de bancos, bebedouros o que possibilita a reunião de pessoas para a prática do lazer e relações sociais. O trabalho buscou analisar o espaço produzido para as práticas sociais, identificando as relações estabelecidas com o lugar e com as pessoas. O estudo buscou demonstrar a importância do lugar na prática cotidiana de indivíduos a partir dos usos pelo espaço.

Palavras-chave: Bosque John Kennedy; usos; espaço

THE USES GIVEN TO THE FOREST JOHN KENNEDY, ARAGUARI, MG, FOR THE ELDERLY PEOPLE

ABSTRACT

This study was conducted at Bosque John Kennedy, in the municipality of Araguari, Minas Gerais, seeking to understand the uses of this space by older adults. The clipping this established social work seeks to demonstrate the importance and dynamics exerted by the forest older adults in the city of Araguari, MG. The forest in question is characterized by its own structure for exercise, such as jogging, walking, gymnastics, etc., Too, for an infrastructure bank, which allows drinkers meeting people to practice and leisure social relations. The study sought to analyze the space produced social practices, identifying the relationships established with the place and the people. The study sought to demonstrate the importance of place in the daily practice of individuals from the uses for the space.

Keywords: John Kennedy Grove; uses; space

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

O Bosque John Kennedy é uma reserva municipal existente desde a emancipação do município de Araguari, primeiramente não como Bosque, ou como reserva, mas como uma gleba de mata nativa administrada pelo poder público.

O Bosque John Kennedy, situado no perímetro urbano do município de Araguari, Triângulo Mineiro (48°11'19"W e 18°38'35"S), está sendo administrado pela prefeitura da cidade, desde a emancipação do município em 1888. (Araujo, Guimarães, Nakajima, 1996)

O Bosque John Kennedy é parte da cultura dos cidadãos de Araguari, pois está inserido nos cotidianos tendo papel fundamental como elemento e espaço para prática de exercícios e/ou estabelecimento de relações sociais. “O bosque é visitado diariamente por pessoas para praticarem caminhadas ou como local de lazer”. (Souza e Araujo, 2005)

Apesar do município de Araguari estar inserido em uma região predominantemente de cerrado brasileiro, a formação florestal presente no Bosque é um dos motivos que o fez estar preservado desde sua criação (ou manutenção).

Fragmento de floresta estacional urbana, Bosque John Kennedy (48° 11' O 18° 38' S), na cidade de Araguari, Minas Gerais. A área de 11,2 ha. é ocupada, em sua maior parte, por uma floresta estacional semidecídua (73,21% do seu total) com indivíduos arbóreos de até 25 metros de altura. (Souza e Araujo, 2005).

“A comunidade vegetal do bosque de Araguari, é semelhante às reservas nativas da região, ou seja, possui áreas fechadas, com árvores altas e copas bem fechadas”. (Araujo, Guimarães, Nakajima, 1996)

O Bosque se caracteriza pela sombra interna, possível pela estrutura de dossel que torna quase intransponível a luz do sol. A formação florestal, alta e densa, possibilita a abertura de clareiras apenas quando há queda de árvores. Contudo, as vias são, em quase sua totalidade, coberta pelos dosséis, também proporciona um conforto térmico sensível que se diferencia de outras áreas de Araguari.

As vias são cimentadas, bem estruturadas, com poucas fissuras e desníveis o que propicia uma segurança e qualidade para a prática de exercícios, possuem largura média de 3 a 4 metros. Além da via principal, que tem início na entrada do Bosque, pela

Avenida Minas Gerais, e em linha reta vai até o final do Bosque encontrando outra entrada alternativa. Também possui vias alternativas que se distribuem por toda a extensão do Bosque, sem seguir um padrão lógico, tendo como principal objetivo a contemplação da natureza e do espaço. Também como estruturas do Bosque existem bancos de cimento e bebedouros, banheiros e placas informativas, como percurso percorrido (via principal), localização dos banheiros, da sala verde, do restaurante, etc. A sala verde é um espaço dedicado a aplicação de palestras para alunos, estudo e funciona como um pequeno museu. É preciso agendar para ter acesso à sala.

Outro elemento de composição do Bosque é o restaurante que funciona no interior do Bosque, mas tem seu acesso por fora. Sua estrutura está inserida no contexto florestal que o Bosque tem, dessa maneira, se torna um grande diferencial. A estrutura do restaurante pertence também ao município de Araguari e é alugada para a atividade.

Há no interior do Bosque um parque infantil que conta com a supervisão de um funcionário público. A utilização deste espaço é compatível com o funcionamento do Bosque.

Opção de recreação para crianças muito utilizada por pessoas que realizam exercícios no interior ou no entorno do Bosque. No centro do Bosque, na via principal há um pequeno palco coberto, um orquidário, uma fonte com uma lâmina d'água com uma pequena ponte que perpassa por cima do lago artificial formado. Também possui um Estádio de Futebol utilizado pelo time do Fluminense de Araguari¹. A figura I ilustra a distribuição espacial do Bosque John Kennedy.

A importância de se manter um espaço como o Bosque, respalda-se pelos usos e acervo biológico.

Nas regiões mais devastadas, por causa das atividades agrícolas, reflorestamentos e carvoarias, as matas mesófilas restringem-se a pequenas reservas, próximas a nascentes ou a cursos d' água. A maioria, porém, não passa de depósito vivo de madeira. Além disso, remanescentes dessas comunidades vegetais também podem ser encontrados em áreas urbanas. Um exemplo é o Bosque John Kennedy no município de Araguari, Minas Gerais...

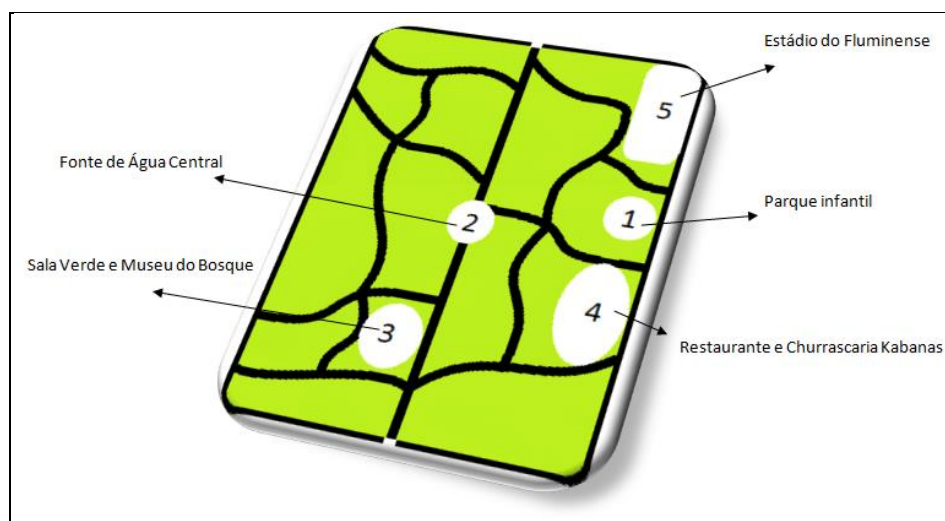
Apesar de ser mata urbana, sujeita à ação antrópica, ainda mantém alta diversidade florística natural. Em

¹ Este trabalho não tem a intenção de descrever as relações comerciais estabelecidas pelos alugueis e lucros, tanto do restaurante como do estádio, nem tão pouco analisar os espaços da sala verde, parque infantil e ponte central.

vista do crescente fluxo de pessoas, que procuram essa área verde para caminhadas e turismo ecológico, é necessário um firme propósito de conservação, com plano adequado de manejo, visando à manutenção de suas características naturais.

(Araujo, Guimarães, Nakajima, 1996)

Figura I



Zanzarini, 2011.

METODOLOGIA

Foram realizadas entrevistas semi estruturadas com os indivíduos presentes no bosque em vários períodos e dias durante a semana. Por esta prática, buscou-se priorizar os indivíduos da terceira idade, tendo como parâmetro esta definição a idade de 60 anos ou mais. Não foram descartados práticas e usos realizados por outros (fora desta faixa etária), pois, é por meio das relações estabelecidas a partir dos vários usos deste espaço que se constrói a dinâmica do cotidiano deste lugar.

Foram realizados levantamentos teóricos e metodológicos sobre o estudo, bem como métodos de abordagem e sua construção científica. É preciso ressaltar a importância das discussões realizadas e textos (livros, artigos) trabalhados durante a disciplina Tópicos Especiais em Geografia Cultural realizada pelo professor Carlos Brandão, durante o primeiro semestre de 2011 no programa de pós graduação em Geografia do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

As entrevistas buscaram contemplar a história do sujeito com o

lugar, suas práticas cotidianas e a inserção do Bosque neste contexto, também, o sentimentalismo curado no espaço em questão. As relações estabelecidas a partir das práticas relacionais estabelecidas no espaço e possibilidades do Bosque.

As observações, durante os campos, como método, buscaram seguir, junto às riquezas como as detalhamentos, feitos por Geertz, em *A Interpretação das Culturas*, principalmente o que conduz nas notas sobre a briga de galos.

O DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO

Precedendo a abordagem

As pessoas se encontram no Bosque sozinhas, em duplas ou em pequenos grupos de quatro a cinco pessoas. Essa disposição torna a abordagem para o desenvolvimento da entrevista individualizada, pois, requer uma aproximação cujos elementos contextuais de conversa requerem tratar de elementos comuns, tanto ao entrevistado (sujeito desta pesquisa), como para o pesquisador, singular ao indivíduo abordado, ou aos poucos membros destas pequenas reuniões. Desta maneira, tem-se como método inicial de aproximação a

contextualização de elementos em comum entre o pesquisador e o sujeito, ou sujeitos.

Assim, desenvolver a pesquisa abordando senhores e senhoras, ou indivíduos que se encontram sozinhos sentados ou caminhando, reunidos em grupos, faz com que haja preocupações no que tange a receptividade para com o entrevistado, a maneira de agir, de sentar, espaço a ocupar, distância a ser mantida, até mesmo as roupas com que usar para abordar tais indivíduos.

Primeiramente é necessário compreender o espaço cuja pesquisa é desenvolvida, portanto, para esta pesquisa, foi realizado um reconhecimento a partir da observação, tanto da paisagem que me inseri, como das relações que eram estabelecidas. Dentro desta contextualização de observar as relações, foi possível compreender a disposição dos indivíduos neste espaço, as lógicas cujos isolamentos proporcionam e como estes não estão isolados de fato. Foi possível compreender, dessa maneira, a dinâmica dos que praticam a caminhada e dos que se agrupam num processo de interação, bem como dos que se “isolam”, sabendo que estes se encontram em companhia dos que ali estão, mas se mantêm, por motivos

diversos, sentados, ou praticando exercício isolado.

Reconhecer cada tal como elemento que compõe a paisagem figurada no exato momento da observação faz com que haja a possibilidade de compreender uma dinâmica momentânea que é desenvolvida no espaço a partir da posição e ação de cada sujeito.

O processo de reconhecimento, a partir da observação em vários momentos do dia, e por vários dias, permite com que haja a elaboração de um padrão comum de comportamento e distribuição espacial dos indivíduos abordados nesta pesquisa.

Laraia, 2005, justificando a necessidade do campo,

Rodney Needham antropólogo inglês faz uma interessante analogia, baseada em estudos sobre indivíduos cegos desde o nascimento e que ganha à visão através de uma cirurgia. A reação inicial é de uma dolorosa aflição diante de uma caótica confusão de cores e formas. Estas lhes parecem não ter nenhuma relação compreensível entre si. 'Apenas vagarosamente e com o intenso esforço pode apreender que esta confusão manifesta uma ordem, e somente com uma aplicação resoluta é capaz de distinguir e classificar objetos e adquirir o significado d termos tais como 'espaço' e 'forma'. Quando um

etnólogo inicia e seu estudo de um povo estranho ele está numa situação análoga, e no caso de uma sociedade desconhecida ele pode exatamente ser descrito como culturalmente cego (Laraia, 2005. Pg. 92).

Assim, reconhecido as interações e dinâmicas desenvolvidas a partir das observações foi possível realizar as abordagens podendo, de fato, compreender as singularidades presentes e que compõe cada ação.

A prática da abordagem

Como descrito, os indivíduos se situam de três maneiras, isolados, em duplas ou em pequenos grupos, sendo possíveis tê-los em duas diferentes ações maiores, praticando exercícios, caminhada, ou parados (a partir destas tem-se outras relações que se estabelecem).

A abordagem requer uma postura ideal, seja para qual atividade, posição no espaço ou adensamento que se encontra é preciso ter uma abordagem que possibilite aproximação para que possa ser estabelecido um diálogo proveitoso para a pesquisa, sem que haja um desconforto para o sujeito abordado.

Ortiz, em seu livro *Românticos e Folcloristas*, transcreve uma notícia publicada na revista "Folk-Lore

Record”, onde expõe um método de obtenção de informação,

Coletar as tradições populares é uma arte que se aprende com a prática. Quando eu coletei as baladas e histórias suecas, o que fiz principalmente em Estocolmo, freqüentemente nas casas pobres, eu chegava num domingo quieto junto a este velho povo, e lhes contava tal ou tal estória, obtendo desta maneira, as variantes das velhas histórias – tudo isto durante o café, para o qual eu convidava este povo delicioso. Eu estou certo de que várias pessoas, padres e senhoras, professores e professoras primárias, e outros, poderiam fazer uma rica colheita, mas eles devem saber como agir, e simplesmente ouvir as palavras usadas pelo povo. (Ortiz, SD)

O trecho defende o uso do saber popular, assim como, a prática do “ouvir”. Também, compreender que, o ato de iniciar a conversa depende da aceitação do entrevistado, dessa maneira foi preciso pensar antes de realizar os campos nos horários, roupa, linguagem, possibilidade de realizar anotações durante as conversas, gravação e fotografias.

Os horários foram classificados em três momentos, manhã, tarde e noite, tendo como parâmetro, as 07h30min, 13h30min e 18h30min respectivamente.

Assim, tendo os horários definidos, com o intuito de reconhecer o período mais propício para o desenvolvimento da pesquisa, onde foi possível encontrar os sujeitos objetos desta, foi possível estabelecer outros elementos da abordagem no campo.

O método também necessita contemplar a forma aparente do pesquisador, pois, ressalta-se a necessidade de interação entre sujeitos e pesquisador, primando, contudo, o bem estar do pesquisado. Assim, compreendo que a abordagem se estabeleceu como um rito cordial, primeiramente por meio de um reconhecimento através da presença de ambos no espaço em questão, posteriormente com uma aproximação por meio de uma conversa informal buscando estabelecer uma proximidade para contemplar os objetivos da pesquisa.

Despender tempo nas conversas estabelecidas é dedicar-se aos objetivos propostos. Fica evidente que, por vezes as conversas se distanciam, a primeira vista, do assunto requerido pela pesquisa, mas tendem a estabelecer uma conexão que, posteriormente, contribui de certo modo para o desenvolvimento do trabalho.

A linguagem é um dos principais elementos utilizados como método para

a realização desta pesquisa, pois, é principal elo de comunicação entre o pesquisador e o sujeito. Portanto, busquei adequar a linguagem, com acertos e erros gramaticais de acordo com a postura do entrevistado, também com a velocidade da fala. Foi possível perceber que, deste modo, estabeleceu-se uma sintonia que possibilitou, em vários momentos, conduzir as conversas pelas vertentes desejadas na pesquisa.

As anotações foram realizadas em momentos posteriores às conversas, pois, quando realizadas durante, houve de início, um estranhamento por parte dos entrevistados, causando também uma desconfiança, no ato de anotar, mesmo com o consentimento dos entrevistados, o que resultou em falas polidas, pasteurizadas, esperando a anotação, tornando os depoimentos artificiais. Diante do fato, optei por anotar apenas algumas falas durante as entrevistas, sempre me respaldando pelo fato de meu esquecimento e justificando pela beleza e importância, finalizando com um “prossiga”. Deste modo, foi possível estabelecer diálogos longos, sem que houvesse perda de falas de importância crucial para a pesquisa, e, não dispensando as anotações posteriores, imediatas às falas, podendo assim resgatar grande parte das idéias. Esse método de anotação posterior foi

aplicado tanto para as conversas pessoais, quanto para os pequenos grupos, também aos caminhantes, uma vez que se torna inviável caminhar, descrever/anotar e conversar.

Por vezes a observação foi o principal método de “abordagem”. Durante as observações realizadas diante dos pequenos grupos que se reúnem dispersados pelo Bosque foi possível perceber que alguns sujeitos se quer participam das conversas, apenas observam, concordam ou discordam apenas com a cabeça, mas este fato de permanecerem calados não os abstêm da participação, pelo contrário, a observação faz com que estes estejam “presentes” nos grupos, e por este método parte das observações foram aqui descritas.

Para a abordagem com os praticantes de exercícios foi preciso realizar as conversas no ritmo do entrevistado. Neste contexto foi percebido que estes se encontravam em atividades individualizadas ou em pares (em raras vezes em maior número), fato este dado pelas diferentes formas, roteiros e ritmos de exercícios – caminhada lenta, rápida, corrida, trajetos diferentes, dentro do bosque, fora, por vias alternativas, utilizando somente a metade da via, etc. Deste modo foi preciso, inicialmente

identificar os sujeitos intencionados neste trabalho. Esta etapa, temporalizando assim, foi realizada durante as incursões de reconhecimento do espaço, nos vários horários e dias, como já descrito. Os exercícios (caminhadas e corridas) são realizados nas vias sombreadas (quase todo o bosque – principalmente a parte interna), com melhor pavimentação, principal entrada, e em certos casos utilizando apenas a primeira metade da via principal, ou a segunda metade, mas em quase todos os sujeitos, perfazendo todo o caminho, fato que ficou evidente nas observações. O ritual de abordagem neste caso se tornou um pouco mais intenso, rápido, pois, não há tempo para reconhecimento mútuo da presença no lugar, uma vez que o fato de caminhar necessita se deslocar no espaço transcendendo às presenças, com breves cumprimentos e trocas de olhares. Assim, coube acompanhar, nos vários ritmos estes sujeitos durante seus exercícios e estabelecer as conversas necessárias. De fato, a pesquisa gera uma curiosidade para todos os que são abordados e para os que não são, portanto, em certos momentos as explicações dadas para justificar a pesquisa ultrapassaram o próprio tempo das conversas. Essa curiosidade se fez presente principalmente nestes sujeitos

que praticavam exercício, pois, a minha presença passou a ser notada com o meu acompanhamento imediato dos pesquisados. É algo comum o estranhamento, mas a partir das explicações dadas às conversas fluem, e se tornam produtivas para a pesquisa.

O bosque John Kennedy – Usos no Espaço Múltiplo

Compreendendo o espaço como conjunto indissociável de elementos naturais e artificiais dotado de técnicas e usos, temos o Bosque John Kennedy, pela ótica de cada indivíduo, um espaço com singularidades e valores diversos.

O reflexo animado, dotado de formas, cores, cheiros, e outros elementos fundam, como categoria paisagem, definida e diferenciada por Santos, 1999, como:

A paisagem é o conjunto de formas, que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima.” (Santos, 1999, pg.103)

A paisagem tem papel fundamental na compreensão dos usos no espaço, ou do espaço, pois,

Ela é, em essência, um produto da interface entre natureza e a

sociedade. Ela é a expressão do trabalho das sociedades humanas sobre a natureza, ao mesmo tempo com e contra essa última. A paisagem então não é apreendida fora de sua dimensão histórica e de seu valor patrimonial.” (Bertrand et Bertrand, 2007 pg. 191).

Recorrer às temporalidades para compreender as importâncias, ou, permeado pelos usos, demonstra as impressões da sociedade sobre o espaço.

A evolução que marca as etapas dos processos do trabalho e das relações marca, também, as mudanças verificadas no espaço geográfico, tanto morfológicamente, quanto no ponto de vista das funções e dos processos. É assim que as épocas se distinguem uma das outras. (Santos, 1999, pg.96).

Portanto, os desdobramentos que a paisagem reflete explicitam as distinções que os processos que a sociedade impôs as estruturas pretéritas e presentes no espaço.

Tendo o Bosque como objeto preliminar de análise, é preciso recorrer à paisagem para compreender seus valores e significações, impressões de uma sociedade pelas temporalidades. Portanto, por meio das relações, ações, impressões humanas sobre o espaço, por imposições de conjuntos de significados

para o próprio espaço que os lugares se manifestam por conta das representações e significados, permeando as composições espaciais, e é a cultura que impregna no espaço os significados e signos da sociedade.

Ela é, em essência, um produto da interface entre natureza e a sociedade. Ela é a expressão do trabalho das sociedades humanas sobre a natureza, ao mesmo tempo com e contra essa última. A paisagem então não é apreendida fora de sua dimensão histórica e de seu valor patrimonial.” (Bertrand et Bertrand, 2007 pg. 191).

É por meio da cultura que os lugares passam a ter significados em diferentes temporalidades. E é neste contexto que o estado tem papel fundamental na infra-estruturação do Bosque. Desde 1888 os usos mudaram, também suas composições físicas.

Como instituição pública, o Bosque passa a ter função social, a partir da intenção do estado em propor os usos pelas possibilidades, tendo como limitantes as composições físicas criadas pelo próprio estado.

Culturalmente, o Bosque passa a desempenhar papel fundamental nos na composição dos cotidianos. Laraia destaca que a Cultura é a lente com a qual o homem vê o mundo.

A importância com que os espaços têm, depende da cultura, ou das práticas culturais que estabelecem, a partir das singularidades, as incorporações de signos e significados no espaço.

As diferentes interpretações, ou importâncias que se estabelecem no espaço são composições singulares, dadas pelas personalidades de cada sujeito. O lugar é estabelecido pela amalgama do sujeito com essas personalidades interpoladas no espaço. Portanto, cada uso perpassa pelo lugar que se estabelece nesta instituição cultural, regida pelo estado, pelos propósitos e possibilidades limitadas, tendo fundamento no cotidiano de cada sujeito.

As conversas que se estabelecem dentro do Bosque, demonstram que, o conteúdo relacional se torna público, pois, as pequenas reuniões estabelecidas são interagidas, por qualquer que seja o sujeito, como já descrito. Os cumprimentos se tornam vínculos espaciais que, estabelecidos na dinâmica usual do espaço, demonstram o ato relacional imposto pelo espaço.

Vale ressaltar deste modo que, os vínculos estabelecidos, sejam pelos que caminha, correm, alongam, ou conversam, descansam, contemplam,

passam o tempo, passeiam, se embasam nos diálogos, breves trocas de palavras, ou longas discussões, onde os sujeitos se revezam no lugar.

As imagens I e II demonstram que, os sujeitos variam, mas a reunião continua pelo lugar. A publicidade do fato faz com que haja um interesse comum no assunto (seja qual for). O fato é estar presente e realizar o diálogo como forma de manutenção da discussão. As imagens foram obtidas no mesmo dia com intervalo de 30 minutos.

Lugar de encontro de pessoas, grande parte aposentados. Discussões sobre a vida de parentes, futebol, política, etc. (espaço onde as relações se estreitam pelas conversas e convivências debatidas sobre de elementos comuns, delimitados pela estrutura física cujas atribuições características ressaltam as possibilidades de iniciações das conversas. Possibilidades que se inserem nos sujeitos pelos usos anteriores, tais como paradigmas impostos pelo uso já feito sobre o espaço em questão. As manifestações presentes caracterizam este espaço atribuído de valores, sujeitos e ações.)

Imagem I. Zanzarini, 2011.



Imagem II. Zanzarini, 2011.



O banco principalmente da entrada são utilizados para essas “reuniões”, freqüentes na semana, um acordo não combinado, já sabido, e por meio deste espaço se dá uma sociabilidade, um espaço que, se manifesta em um agrupamento no banco (sentados ou em pé), mas sempre em volta do banco.

Outros vão se agrupando, mesmo sem conhecer os que ali estão.

“Ninguém combinô hora não, eu já sei que tem gente aqui” José Alves, 68 anos.

“Uai, eu venho pra fica aqui mesmo né, venho pra conversá” Antônio, 71 anos.

“Nóis conversa de tudo, fala mal de parente, futebol, até do governo nós reclama. (risos)” José Alves, 68.

Alguns se reúnem e se afastam sem dizer nada, a presença parece satisfazer, o ato de estar presente na

discussão é mais importante que “realizar”. Diante do fato percebe-se que as pessoas que se “agregam” aos grupos reunidos nos bancos estão caminhando, e na verdade, como meio de “participar” dessas discussões, param e prestam atenção. Cada sujeito estabelece vínculos com o lugar, diferenciando cada relação pelo uso e/ou importância. Os campos, através dos relatos, demonstram como cada

sujeito percebe o espaço pela “imposição” do lugar.

“O lugarzim de eu sentar é aqui” – Alvarinda, 81 anos (imagem III). Com ajuda de uma cadeira de rodas, se senta no banco no meio do bosque esperando a filha caminhar, com a ajuda do rádio a pilha, ouve a programação atenta aos horários anunciados, mantendo o controle do tempo da caminhada e lembrando a todo o momento que o “almoço é por minha conta”.

Imagem III. Zanzarini, 2011.



As relações sociais intensificam os lugares, pois, criam e adensam os elos entre os sujeitos.

Por vezes, durante a conversa houve interrupções, sejam pro breves cumprimentos, ou por pequenos diálogos.

“Aqui nós conta história, conta piada com quem passa”. – Alvarinda, 81 anos.

Sentada no cambo de frente ao busto de um médico aposentado da cidade, Dona Alvarinda justifica:

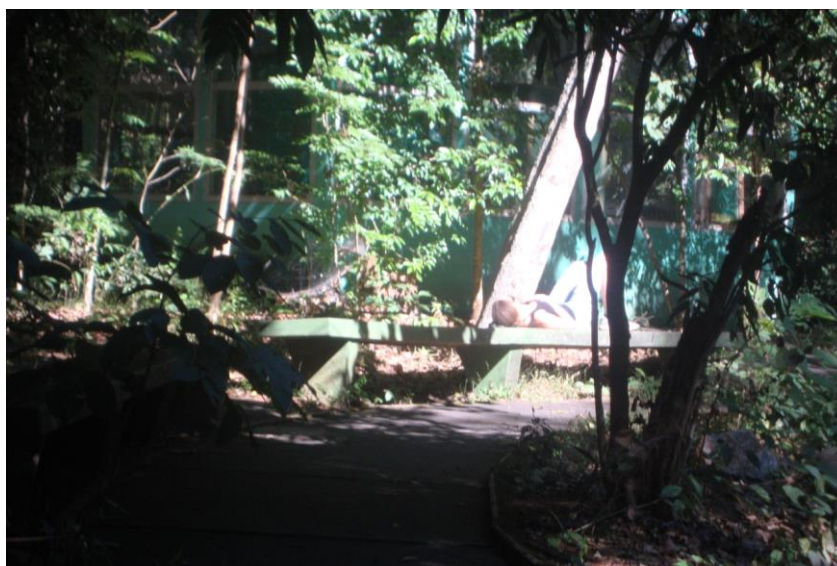
“[...] fico em frente ao Doutor Adalcino.” – em referência ao médico que fez o parto de parte de seus 7 filhos.

A importância de “ouvir” as histórias contadas possibilita compreender o fato dos vínculos serem estabelecidos. Dona Alvarinda criou os sete filhos, e, com o tempo, todos “foram saindo de casa”, como conta a

própria. Ir ao bosque acompanhar a filha que faz caminhada é a única maneira de continuar perto da única filha que está com ela ainda.

O espaço é múltiplo pelos usos que são dados a ele. O ócio, a contemplação, o passeio, são importantes usos, elases estabelecidos entre as varas práticas (imagem IV).

Imagem IV. Zanzarini, 2011



O espaço do ócio é também o da prática de esporte, caminhada e corrida, mas também local de encontro estabelecido pela prática do cotidiano, onde as relações são moldadas pelo espaço.

“Todo dia (caminhada), e todo dia tá cheio de gente aqui, ..., as vês muda, mas maioria das vês são os mesmos” Cicília, 57 anos.

Os diálogos se estabelecem durante as caminhadas, nos “cruzamentos”, pequenas pausas, sempre um “bão?!” ; “Comé que tá?”. Os grupos de caminhada vão sermando, uma pessoa passa sozinha e volta acompanhada de outras.

“Conheço de vista né, daí agente para pra dar um oi” Renato Augusto, 68 anos. as pessoas estão aqui pra

caminhar na sombra, é bem melhor que
cruzar com carro na rua” Nivaldo, 51

anos As imagens V e VI demonstram a
sombra formada no Bosque.

Imagem V. Zanzarini, 2011.



Imagem VI. Zanzarini, 2011.



Outros simplesmente sentam e observam, quase como eu, o movimento dos caminhantes.

Os diálogos de cruzamento são sempre breves, abreviados até nas

(referência à final do campeonato Paulista de 2011) Aposentados se misturam a homens e mulheres de meia idade, com passadas curtas, demonstram

palavras: “Bão; Té (até); Ô; Comé que ta?; Opa!”

“Tá acabando já?”

“Não, vô andá mais um pouco”

“Santos hoje em?”

“Acho que não...”

pela serenidade do andar, uma consciência da importância e benefícios da prática (imagem VIII)

Imagem VII. Zanzarini, 2011.



Os vínculos são temporais, e se estabelecem pelas práticas do cotidiano.

“Mais de 40 anos que eu venho aqui” – Antônio, 90 anos (imagem VII).

“Começo com a minha esposa que fez eu começar a caminhar com ela,

hoje ela não agüenta mais, mas eu venho”

“Lá (na avenida) tem carro de mais, nem sombra, dá não



Imagem VIII. Zanzarini, 2011.

Outro espaço público dedicado a prática de esportes no município de Araguari é a referida Avenida (Avenida Coronel Theodolino Pereira de Araújo).

Dotada de uma passarela cimentada é utilizada também para caminhada e corrida. Porém, o fluxo de automóveis, a quantidade de fissuras na passarela, a

falta de sombra, bancos, bebedouros e banheiro faz com que o uso do bosque seja mais procurado por aqueles que buscam melhores condições físicas para esse uso (imagem VIII).

Imagem IX. Zanzarini, 2011.



CONCLUSÃO

Os usos definem o espaço pelos vínculos nele exercidos. O espaço público, institucional e cultural, cumpre seu papel social, por possuir as condições necessárias para as práticas neste trabalho descritas.

Pasqual e Fachini, em artigo que buscou analisar os Bosques Uirapuru e Xetá, no município de Umuarama, Paraná, expõem uma situação contrária à encontrada em Araguari:

Atualmente, verifica-se um intenso fluxo de pedestres e veículos, a presença de inúmeros trabalhadores

do setor da economia informal no entorno das áreas, bem como uma série de problemas no interior das mesmas decorrentes em parte da falta de uma política efetiva de manejo e administração dos locais, tendo em vista o abandono e o desinteresse em revitalizar os Bosques e proteger a flora e a fauna. As áreas encontram-se praticamente abandonadas e sem proteção, sujeitas a depredação, poluição e toda sorte de problemas, como erosão, desmatamento, esgotos clandestinos, ações criminosas, entre outras. Guardam em seu interior inúmeras espécies de plantas e animais, não possuindo uma destinação apropriada e também não

recebendo a devida atenção da iniciativa pública e privada, não possuem um programa manejo e infra-estrutura adequados. Algumas atividades, entre elas, as de lazer, que em alguns períodos foram praticadas no interior das áreas passaram a se concentrar no entorno. São raras as pessoas que utilizam das antigas trilhas para prática de caminhadas e atividades físicas, sentam nos bancos para conversar ou contemplar o local. Também é raro o uso dos locais por professores e alunos para estudo de campo, educação ambiental e demais atividades que poderiam enriquecer a aprendizagem. Com o passar dos anos, Elas foram adquirindo novas funções, conforme os interesses administrativos e de gestão da cidade que não têm nenhum compromisso em preservar as reservas florestais para as gerações futuras. A cada nova administração, as mesmas são reformadas, modificadas destruídas e assim, vão ganhando novos usos. O interior dos Bosques passaram a ser lugar de passagem de pedestres, depósito de lixo e esgoto, alvo de vandalismos e da circulação do comércio informal, no entorno. A realidade atual do cotidiano das áreas florestais nega o seu verdadeiro significado, enquanto espaço de preservação, lugar que aspirava a beleza, local acolhedor para o passeio e o lazer.

As relações estabelecidas no Bosque John Kennedy se tornam intensificadas pelos usos e adensadas pelos sujeitos, temporalmente, sejam por simples cumprimentos, ou por longas conversas, onde os sujeitos se revezam no onde o debate não se cala.

As funções que o Bosque possibilita demonstram que, o espaço em questão, está inserido no cotidiano de inúmeros sujeitos, conteúdo da paisagem do município, e por fim, parte fundamental da cultura Aragarina.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, G. M., GUIMARÃES, A. J. M., NAKAJIMA, J. N. Fitossociologia de um remanescente de mata mesófila semidecídua urbana, bosque John Kennedy, Araguari, MG, Brasil. IN: rEVISTA BRASILEIRA DE BOTÂNICA. vol.20 no.1 São Paulo June 1997. ISSN: 0100-8404
- BERTRAND, Georges et BERTRAND, Claude. Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades/Georges e Claude Bertrand; organizador Messias Modesto dos Passos. Maringa: Ed. Massoni, 2007. Pg332.
- CORRÊA, B. DA S.; SILVA, M. C. DA.; MAGNABOSCO, M. OCUPAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E NATUREZA: OS PARQUES NAS CIDADES. IN: REV. ELE. PAISAGENS EM DEBATE, FAU.USP - n. 05, dezembro 2007.

EAGLETON, t. a idéia de cultura.; tradução sandra castello branco. são paulo: unesp 2005.

geertz, c. a interpretação das culturas. rio de janeiro: ltc., 1989.

laraia, r. de b. cultura – um conceito antropológico – 22.ed. rio de janeiro: jorge zahar., 2008.

LOBATO, I. M. PRAÇA UNIVERSITÁRIA: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E INTEGRAÇÃO SOCIAL. IN: x ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL. TESTEMUNHOS: HISTÓRIA E POLÍTICA. RECÍFE, PE. 2010. ISBN: 978-85-7315-769-7.

PASQUAL, M. O. A.; FACHINI, M. P. ESPAÇO VERDE URBANO – IMPORTÂNCIA NA DINÂMICA DA PAISAGEM. SD. DISPONÍVEL EM <www.uem.br>. acessado 05 de janeiro de 2011.

SANTOS, M. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão – 2. ed. São Paulo : Nobel, 1993. Pg.142.

SOUSA, R. O. DE.; OLIVEIRA, C. E. DE. A PRAÇA COMO LUGAR DA DIVERSIDADE CULTURAL, SD.

SOUZA, J. P. DE; ARAÚJO, G. M. ESTRUTURA ARBUSTIVO/ARBÓREA DO SUBOSQUE DE CLAREIRAS E ÁREAS SOB DOSSEL FECHADO EM FLORESTA ESTACIONAL SEMI DESSÍDUA EM ARAGUARI – MG. IN: BIOSCI. J. UBERLÂNDIA, V. 21, N. 3, P 93 – 102. SEPT./DEC. 2005.

WILLIAMS, r. cultura.; tradução lólio lourenço de oliveira. rio de janeiro: paz e terra, 1992.